

Falta de mão de obra eleva salários, mas trava expansão de negócios



Sem gente. Guilherme Yogolare, CEO da Vinx, está com 80 vagas abertas nas doze obras que a construtora tem em andamento: "Faltam encanadores, eletricitas, bloqueiros, serventes, carpinteiros"

TAXA NA MÍNIMA HISTÓRICA

PLENO EMPREGO

Qualificada ou não, mão de obra começa a ficar escassa nas empresas

CÁSSIA ALMEIDA E MAYRA CASTRO
cassia@folha.com.br

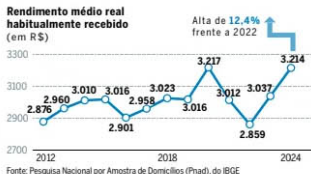
"Não tem mão de obra", desabafa Leonardo Vitali, que há 13 anos é dono do restaurante Samura, de comida asiática, em Goiânia. Na cidade, a taxa de desemprego é de 5,1%, ainda mais baixa que a média do país, 6,9%, a menor em uma década. É boa notícia para os trabalhadores, mas a falta de profissionais começa a preocupar em algumas regiões e setores econômicos.

Quando aparece (candidato), não tem qualificação. Treinamos e ele não fica, a demanda é muito grande. Não conseguimos reter — diz Vitali, que vê redução no fluxo migratório. — Contratava muita gente do Maranhão, a grande maioria aqui era maranhense, mas não está vindo mais. Tem gente contratando venezuelano, cubano, mas não há muitos. Só se consegue mão de obra quando fecha um concorrente.

No restaurante dele, são 22 funcionários, mas deveriam ser 25. Ele não consegue preencher três vagas. Na pandemia, diz, muitos migraram para pequenos negócios, montaram delivery, foram trabalhar como motoristas de aplicativo ou nem voltaram para o mercado de trabalho. Para Vitali, programas do governo como o Bolsa Família, que teve reajuste significativo nos últimos anos, fazem muitos preferirem trabalhar como autônomos, sem carteira assinada, para não perder o benefício. Empregados têm de pagar mais.

O mercado de trabalho está no seu melhor momento para o brasileiro. A taxa de desemprego de 6,9% é comparável à de 2014, a mais baixa da série histórica, e os especialistas esperam que caia para perto de 6% no fim do ano, patamar

NO LIMITE



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE



Há vagas. O empresário Leonardo Vitali busca três novos empregados para seu restaurante em Goiânia, onde o desemprego é mais baixo que a média nacional

considerado inferior ao pleno emprego, quando a falta de mão de obra tende a elevar salários e pressionar a inflação.

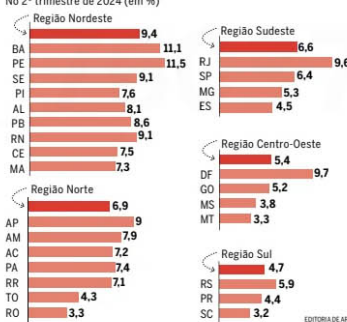
Para Bráulio Borges, economista da LCA Consultores, o pleno emprego chegou em janeiro, com a taxa próxima de 8%. Esse o nível que o economista calcula como o que não pressiona a inflação. Essa taxa de equilíbrio caiu. Em 2021, Borges estimava 9,5%. A Reforma Trabalhista de 2017 reduziu esse ponto, diz o economista.

— Houve redução na taxa de litigância (número de processos trabalhistas em relação ao

de ocupados), com custo menor de contratação. A taxa de 7% ainda não está muito abaixo do equilíbrio, mas se chegar entre 5% e 6%, essa restrição de mão de obra pode gerar gargalos para o PIB. Ainda não estamos nessa situação.

Vários setores estão com dificuldade de preencher vagas, e a rotatividade é alta. Construção, serviços de alojamento e empresas que atuam nos estados concentrados no agronegócio demoram a conseguir profissionais, desde o auxiliar de cozinha ou de limpeza, ao mais especializado,

Taxa de desemprego por estado



como um engenheiro civil.

É o caso da Construtora Vinx, de São Paulo, que busca um gestor de projetos há três meses. A função exige experiência e formação em engenharia civil, mas o CEO Guilherme Yogolare diz que a falta de pessoal é generalizada, do bloqueiro (que empilha blocos de concreto) ao eletricista, passando por carpinteiro e pintor. São 80 vagas em aberto. A empresa tem 170 funcionários em 12 obras:

— O problema não é só mão de obra qualificada, faltam encanadores, eletricitas, bloqueiros, serventes, carpinteiros. As empreiteiras não estão conseguindo atender todas as construtoras e manter seus prazos. E tem inflacionado a mão de obra qualificada.

AUTOMAÇÃO NOS SERVIÇOS

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE, no segundo trimestre, foram contratadas 352 mil pessoas na construção civil, alta de 4,9%, acima dos 3% da média geral. Além do aquecimento do mercado, Yogolare diz que a digita-

lização, acelerada na pandemia, criou alternativas de trabalho mais atraentes, em plataformas digitais, por exemplo, que o braçal nos canteiros. O caso da Vinx não é isolado. A construtora RNI abriu 135 vagas e está difícil preenchê-las. — Enfrentamos a dificuldade de encontrar essa mão de obra qualificada. Em algumas regiões, tem sido um desafio. A demanda se estende a cargos menos qualificados — diz Amanda Berceino, gerente de Recursos Humanos da RNI.

Mas o que explica termos ainda 7,5 milhões de pessoas procurando trabalho no país enquanto empresas não conseguem mão de obra? Para especialistas, há muita rigidez no mercado de trabalho e alta rotatividade. No ramo de restaurantes, chega a 50%. É como se o setor repusesse metade do pessoal uma vez por ano. Também entra na conta a falta de qualificação da mão de obra e baixa produtividade. Há vagas, falta pessoal preparado.

Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador da FGV, diz que, embora seja po-

sitivo o mercado estar aquecido, há risco de isso gerar inflação e levar o Banco Central a elevar os juros para contê-la. Sem ganhos de produtividade, os empregadores podem repassar o custo mais alto da mão de obra para os preços.

— É um mercado de trabalho com condições bastante favoráveis ao trabalhador no momento, mas ele pode sim estar gerando restrições para a condução da política monetária — diz Barbosa Filho.

Mesmo no limite, a taxa de desemprego é mais alta que nossos pares, afirma Marcos Hecksher, pesquisador do Ipea. É maior que a média do G20 (maiores PIBs), a média mundial, dos países de alta renda e da América Latina:

— Quando comparamos com o melhor período do mercado de trabalho em 2014, o Brasil ainda tem mais desalentados (pessoas que desistiram de procurar trabalho por não conseguirem encontrar) e mais pessoas trabalhando menos horas do que gostariam.

O setor de serviços, que vem puxando a oferta de vagas formais e foi muito afetado pela pandemia, agora sofre para contratar. Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, o setor opera com 20% menos mão de obra que antes da pandemia, apesar de as vendas terem crescido 15%. Há uma demanda de 300 mil trabalhadores, conta o presidente da entidade, Paulo Solmucci. O setor empregava cerca de 6 milhões antes da crise sanitária. Hoje tem 5,10 milhões. Uma saída para o gargalo é a automação. As cozinhas estão ganhando fornos combinados, que fritam batata, cozinham arroz e fazem carne ao mesmo tempo, diz Solmucci:

— Os sistemas de computadores estão se integrando, a maquininha de cartão dá nota fiscal, faz avaliação, manda pedido para a cozinha. Precisamos de pessoas mais qualificadas na ponta. Ademais não é só numérica, é qualificada.

Vitali, de Goiânia, resolveu automatizar o atendimento. Pôs um tablet na mesa, e o cliente faz o pedido por ali. O garçom só entrega o prato:

— É uma mão de obra mais difícil de conseguir.

GANHOS DE R\$ 14,7%

No setor, o salário subiu 3,3% em 2023, acima da média nacional, mas o rendimento é de R\$ 2.130, ainda 30% abaixo da média geral. Em Goiânia, o piso para o ramo de bares e restaurantes é R\$ 1.455, pouco acima de um salário mínimo, mas ninguém consegue contratar se não pagar 20% a 30% mais, diz Vitali. Também na capital goiana, Emerson Tokarski, dono do restaurante Catereté, que funciona há 28 anos, não consegue preencher 10% das suas 80 vagas:

— A gente aumenta o salário, dá mais benefício, mas está todo mundo tendo dificuldade. Aqui se trabalha de noite, não tem transporte para ir embora, trabalha fim de semana. As pessoas estão mais seletivas na hora de escolher. É um apaga-geral de mão de obra.

O maior alcance dos benefícios sociais pode explicar a queda de participação de trabalhadores com menos qualificação no mercado de trabalho. Os ganhos dos ocupados sem instrução formal subiram 19,47% de 2019 a 2024, contra média de 3,76%. Mesmo assim, ganham em média R\$ 1.399, menos que o salário mínimo de R\$ 1.412 no mercado de trabalho formal.

EDITORIA DE ARTE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 23